

REVISTA

DO

INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO DO BRAZIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II

*Hoc facit ut longos curent bene gesta per annos,
Et possint sera posteritate frui.*

TOMO XIX

(TOMO VI DA TERCEIRA SERIE)



RIO DE JANEIRO
IMPRENSA NACIONAL

1898

1081-98

MEMORIA

Lida ante a augusta presença de S.[M. I. pelo socie effectivo e senhor docteur

FRANCISCO FREIRE ALLEMÃO

Quaes são as principaes plantas que hoje se acham
aclimatadas no Brazil?

Tal é, senhores, o ponto, que em Dezenbro de 1852 me foi commettido por este instituto, para lhe dar desenvolvimento. Honra, que esta sábia corporação se dignou fazer-me sem querer olhar para o pouco de minhas forças. Se pois, apesar de boa diligencia, e melhor vontade de minha parte, o desempenho não corresponder ás suas vistas, conto sempre achal-a facil em desculpar-me.

Antes de tudo seja-me licito ponderar, que a questão, do modo por que está posta, parecendo á primeira vista mais simples, e clara, não é todavia precisa em seus termos, como o revêla a mais pequena reflexão. Não é isto censura que lhe faço; mas uma mera advertencia no intuito de estabelecer as condições de seu desenvolvimento. Pois n'isso acho antes motivo de agradecimento; porque fico mais á minha vontade, para estender-me ou contrahir-me como couber em meus meios, ou a materia o exigir, sem incorrer na accusação de exorbitar do meu ponto, ou de o não abranger. Tanto assim que se me quizesse cingir ao pé da letra, minha tarefa tornar-se-hia mui commoda, cifrava-se em dizer: tal planta é exotica, tal outra não. Mas de certo não foi essa a mente de quem formulou a questão, nem a do Instituto encarregando-me de a desenvolver. Não é bastante dizer-se: esta planta vem do estrangeiro; é necessario provar a affirmativa, o que accarreta de necessidade a historia da sua introdução; e d'esta se é levado

naturalmente até a sua origem ou ponto de partida. Assim foi que entendi dever proceder, sem medir as difficuldades com que ia lutar: pois na Europa ainda hoje se discute, e se inquiri da origem de algumas plantas ali cultivadas, sem se ter chegado a uma solução plausível.

Salta aos olhos menos attentos a razão por que a historia da migração das plantas é muitas vezes obscura, e até ignorada. Grande numero d'ellas, cultivadas pelos povos primitivos, os acompanhavam em suas emigrações ou correrias, e assim se derramavam, sem deixar memoria das circumstancias de suas peregrinações. Outras, que transmigram de moto proprio, ou são levadas por motores naturaes, uma vez afastadas do seu berço, impossivel é reconhecerê-o depois. Finalmente se ainda agora, em nossa presença, muitas plantas se propagam de industria, ou por casualidade, sem que conste d'onde, e como vieram, o que se deve esperar do succedido em remotas eras?

Não obstante, indagações d'esta ordem, ainda quando não consigam furir o alvo, não são destituídas de interesse.

Aqui se nos vem offerecer uma questão, concernente ao nosso assumpto, e da mais ardua solução. — *A natureza produz individuos da mesma especie em pontos varios do globo; ou ao contrario, cada especie tem seu logar de criação particular, d'onde, por si, ou por agentes externos, se difunde, ou tenta diffundir-se pela superficie da terra?* — Em prova da sua arduosidade lembrarei somente que um dos maiores sabios de nossos tempos, o sr. barão de Humboldt, que admite a criação vaga da mesma especie em differentes paragens, discorrendo sobre o dragoeiro que observou nos lugares cultivados das Ilhas Canarias, Madeira, e Porto-Santo diz: « *Este vegetal apresenta um phenomeno curioso quanto á migração das plantas. Elle se não tem achado silvestre no continente africano; e as Indias Orientaes são sua verdadeira patria. Por onde então esta arvore foi trazida a Tenerife? Sua existencia ali provará que em uma época mui recente os Guanches tiveram relações com povos originários da Asia?* » (1) Mas concedida a criação vaga, ou multipla da mesma especie, o facto não tinha uma explicação bem

(1) *Viagens ás regiões equinociaes do novo continente.*

obvia? Não tenho cabedal de sciencia para dissertar n'esta materia, e se o tivera, a occasião não era das mais proprias. Direi unicamente, porque isso se faz necessario, que me accommo melhor com a idéa da creação singular de cada especie, ainda que muitas vezes seja impossivel explicar, na actualidade das coisas, a existencia simultanea, de algumas plantas de identidade especifica, em logares distantes, e separados por vastos mares, e altas cordilheiras. Direi mais que na opinião contraria perde todo o interesse, o até parecerá ociosa qualquer investigação sobre a transmigração das plantas.

Já vai longo este preambulo; vou conclui-lo com as declarações seguintes:

Este trabalho, além de suas muitas imperfeições intrinsecas, ha de necessariamente ser achado incompleto, quando fôr lido (se tiver essa fortuna) em cada uma das outras provincias brasileiras de cujas plantas n'ellas introduzidas, e cultivadas, não pude ter pleno conhecimento.

Na successão das memorias, que tenho de ler, nem uma ordem ou systema posso guardar, quanto á serie das plantas, que fizerem seu objecto. Seria para isso necessario ter feito o estudo de todas, antes de começar a redacção do seu complexo, o que retardaria ainda mais a sua apresentação. Irei portanto trazendo aquellas cujo estudo estiver completo, ainda que sem nexo entre si; e principiarei pela:

CANNA D'ASSUCAR (*Sacharum officinarum*).

A opinião mais corrente hoje é ser esta preciosa graminea oriunda do Indostão, d'onde, desde a mais alta antiguidade se havia propagado pelas terras do oriente comprehendidas entre os 40 graus ao norte, e ao sul do equador. Para o occidente veio mais vagarosa, e por tempos, e logares, que agora mal se podem assignar.

Sabe-se que no quinto seculo da era christã a cultivavam em alguns logares da Persia (2).

(2) *Ibid.*

D'ahi, segundo alguns auctores, os Arabes a trouxeram para Syria, no tempo das suas conquistas, correndo o seculo setimo; outros porém sustentam que chegou ali vindo da India pelo caminho do mar Vermelho.

O certo é que nos ultimos annos do seculo undecimo os peregrinos da primeira cruzada acharam-na plantada nas férteis veigas da Phenicia: e aos cruzados deve a Europa o conhecimento d'este vegetal (3).

E no ultimo quartel do seculo decimo segundo ja havia engenhos de moer cannas na Sicilia, como o mostra a seguinte passagem de um diploma ou acta de doação que fez Guilherme II rei da Sicilia a um mosteiro de São Bento: « *In Panormo (Palermo)..... concedimus ei (Monasterio) liberè, et absque donatione aliqua molendinum unum ad molendas cannas mellis, quod a saracenis dicitur masara.* »

Emfim, ao fechar do seculo decimo quarto era conhecida esta planta em quasi todo o ambito do mediterraneo, desde as praias da Asia até Tanger em Africa, e Granada na Europa.

Descoberta a ilha da Madeira, foi um dos primeiros cuidados do infante dom Henrique que ali se estabelecessem fabricas de assucar. D'isso temos um curioso documento inserto em um manuscrito da bibliotheca publica d'esta corte, respectivo a ilha da Madeira. « *Estando o Infante em Algeir no Reino do Algarve,* » diz o auctor do manuscrito, *escreveu ao capitão (João Gonçalves Zarco) recommendando-lhe muito as justicas, e as lavouras.....* E d'essa carta do infante transcrevê alguns paragraphos, um dos quaes é este: « *Enviar-me-heis com pedaços e dos pães de toda a ilha, e com ramos d'elles; e escreveci-me como é o nome, e o fructo: e tambem me enviai com pedaços de pedra, e um sacco de terra: lembro-vos o pão para a novidade, segundo a vos fallei, se querem vender a quatro reis, sendo tomai-o por oito e que me praz de lho dar por elle; sendo bem lembrado que se me pague o dizimo de toda outra coisa que houver, e que se façam*

(3) MICHAUD, *História das Cruzadas.*

canavieiras nas outras povoações. » No manuscripto não se acha com data, mas do texto se deduz ser esta carta do tempo em que se entrou a povoar aquella ilha, isto é, pelos annos de 1420, o que é conforme a opinião geral de haver n'essa época começado ali o cultivo da canna.

Agora se indagamos d'onde lhe veio a planta, dir-nos-ha João de Barros que: « *O Infante pella Ilha da Madeira mandou vir da Sicilia cannas d'assucar, que se n'ella plantassem, e mestres deste lavor* (4). » Esta opinião é geralmente recebida. Sem embargo atrevo-me a mostrar alguma hesitação em adoptal-a. E por ventura, o culto, que tam justamente se presta ao distincto historiador portuguez, implicará tambem o dever de se acreditar n'aquelles sete annos continuos do incendio, que consumiu as florestas d'aquella ilha? Já Candido Lusitano, na vida do infante dom Henrique, tendo de recontar o successo da coelha prehe de Bartholomeo Perestrello, da qual a geração afugentou os primeiros habitantes de Porto-Santo, premune-se com estas palavras: « *o referiremos lá por obsequio a sincericidade dos nossos antigos, julgando-o digno de escrever-se até a penna judiciosa do nosso insigne Barros.* »

Que o infante mandasse á Sicilia buscar mestres de moendas e de assucar, nada mais natural, por ser um dos logares, onde n'aquelle tempo melhor se entendia d'esse mister; cannas porém, elle as tinha quasi em casa, visto que, até o estreito de Gibraltar (e quem sabe se fora d'elle) já eram conhecidas, o cultivadas.

Não é impossivel que a asserção de Barros tivesse por fundamento uma tradição erronea, sem que isso lhe sirva de desar.

Se sobre o assumpto consultamos Azurara, auctor contemporaneo, eis-aqui o que elle diz simplesmente, na sua chronica de Guiné: « *Fez (o infante) povoar no grande mar oceano cinco Ilhas especialmente a Ilha da Madeira; e assim d'esta como das outras tirando os nossos reinos muito grandes proveitos, scilicet,*

(4) *Asia Portuguesa, Decada 1.ª, livro 1.º*

« de pão, de assucar, de mel, etc. » Também Cindamosto, que, não importa seja estrangeiro, tendo estado na Ilha da Madeira em 1505, e sobre negocios d'ella tomado muitas informações, que deixou em seus escriptos, fallando das vinhas diz, que o infante mandou vir a cepa da Ilha de Creta, e quando trata da canna diz sómente que elle ordenou que a cultivassem. (5).

Reconheço bem a fraqueza d'este auxilio; mas basta que elle me não contrarie na conjectura, com que pretendo explicar a origem d'aquella tradição, conjectura que agora ha de parecer demasiadamente aventureira; espero porém que no proseguimento d'esta leitura ella va perdendo esse character: e é que quando alguem se lembrou, tempos depois, de investigar estas coisas, passada ja a lembrança do como ali chegou a canna, e conservada a da vinda dos mestres da Sicilia, se entendeu que elles a trouxeram consigo.

E' ja occasião, senhores, de pehir-vos desculpa do abuso que hei de fazer do vosso tempo, e paciencia, quando tiver de descer a coisas como estas que podem parecer miudas de mais, e impertinentes. Penso sobre isto de outro modo; ou todo este meu trabalho é futil, ou se elle pode ter algum merecimento estas particularidades o não empeioram, antes tendem a completal-o.

Como quer que fosse, a canna d'assucar passou logo da Madeira para as ilhas portuguezas de Cabo Verde. As Canarias cedo a receberam tambem; e directamente de Hespanha, como affirma Herrera.

Medrava n'essas ilhas este importantissimo ramo de industria e commercio, quando o genio, e audacia de Colombo adivinhando, e descobrindo um novo mundo, lhe abriram campo mais largo.

O Haiti foi a primeira terra americana, a que se deu este valioso presente. N'isto concordam todos os auctores; mas em que tempo? Quem o levou? E d'onde? São pontos, em que andam

(5) Coll. de RAMUSIO.

discrepantes aquelles mesmos que d'isso se deviam mostrar mais sabedores.

Entrarei em discussão um pouco demora da d'estes pontos; mas occupando-me somente com os auctores, que mais fô merecem. Da confrontação de suas opiniões ficará patente a quanta divergencia reina entre elles, e quanta incerteza obscurece o assumpto; e porque me fica mais commodo inverterei a ordem chronologica, começando pelo mais moderno.

Em 1813 imprime o sr. barão de Humboldt o seu precioso — *Ensaio sobre o reino da nova Hespanha*, — onde tratando da canna diz: « *que ella foi trazida pelos hespanhoes das Canarias para São Domingos... que Pedro d'Atiença plintou as primeiras cannas de assucar em 1520, pouco mais ou menos nas vizinhanças da Conceição da Veiga; e Gonçalo de Velosa construiu os primeiros cylindros.* » Assim segundo este illustro sabio estão decididos aquelles tres pontos: D'onde veio a canna? Das Canarias. Quem as plantou? Atiença. Quando? Em 1520.

Agora Herrera: esto, na sua *Historia das Indias Occidentaes*, publicada em 1697, se exprime do modo seguinte: « *... e como no anno de 1505 um vizinho da Veiga, de nome Aguilon, levou das Canarias cannas de assucar, e as plantou, foram pouco e pouco dando tão bem, que com mais diligencia se pôz a beneficiar-as o bacharel Velosa, vizinho de São Domingos, cirurgião, natural de Verlangua, e com alguns instrumentos tirou assucar, e por fim fez um trapiche.* » Para este autor, a canna veio para o Haiti em 1505 trazida das Canarias por Aguilon.

Chego a Gonçalo Fernandes de Oviedo, que em 1514 passou-se para a America, onde esteve muitos annos, ja em Terra Firme, ja na ilha de São Domingos; e escreveu um estimavel livro intitulado: — *Historia geral e natural das Indias Occidentaes*, — que começou a imprimir em 1535. N'elle a respeito da cultura da canna e fabrico do assucar discorre largamente, consagrando a esse objecto um capitulo inteiro, que é o oitavo do livro quarto, e do qual extráio o seguinte: « *Todos tiveram os olhos fechados até que o bacharel Gonçalo de Velosa á custa de grandes e excessivos gastos, segundo o que possuia, e com muito trabalho de sua pessoa, trouxe mestre de assucar a esta ilha (Hespanhola) e fez um trapiche de cecillos, e foi o primeiro*

quizez fazer n'esta ilha assucar: e a elle se se devem os agradecimentos com principal inceptor d'esta grangearia. Não foi o primeiro que plantou cannas de assucar nas Indias; pois algum tempo antes que elle viesse muitos as haviam plantado.....mas o primeiro que fez assucar..... e trouxe officios para elle, das ilhas Canarias.»

« Mas indagando eu melhor a verdade, soube de alguns homens de confiança e velhos, que ainda vivem n'esta cidade (de São Domingos) que o primeiro que plantou cannas n'esta ilha foi um Pedro de Atienza na cidade da Conceição de la Vega, cujo alcaide Miguel Balletero, natural de Catalunha, foi quem primeiro fez assucar, dous annos antes, que o fizesse Velosa...»

Oviedo n'esse longo capitulo não diz quando nem d'onde veio a planta da canna. O que dá como certo é que Atienza foi o primeiro que as cultivou, e Velosa quem fez levantar o primeiro engenho. Em outro lugar porém do seu mesmo livro se acham estas palavras:

« As cannas doces de que se faz assucar n'esta ilha (Hespanhola) foram leçadas das Canarias como extensamente mostrei no liero 4.^o Mas eu li, e reli esse livro, e o que ali se diz é que Atienza levou das Canarias mestres de assucar, e não se falla em cannas.»

O sr. barão de Humboldt conforma-se com o que diz Oviedo quanto á primeira plantação de cannas por Atienza, e erecção do primeiro engenho por Velosa, e assim tambem a respeito de ter illo das Canarias a planta da canna, ao que acrescenta que isso succedeu em 1520.

Herrera tam discordante de Oviedo, no lugar que deixei citado, segue-o todavia em uma passagem da sua — *Descripção das Indias Occidentaes* — que é a que vou trasladar: « Os primeiros que levaram das Indias cannas de assucar, e começaram a beneficiar-as foram um Atienza, e o bacharel Velosa.»

Assim, cotejando e resumindo as opiniões d'estes tres auctores que são os mais citados e seguidos, temos que todos (sendo Oviedo o primeiro) affirmam: que a canna veio para São Domingos das ilhas Canarias; trazidas por Atienza, ou por Aguilon; em 1520 segundo o barão de Humboldt, em 1536 diz Herrera, e Oviedo parece que nada conseguir saber a este respeito.

Quem não dirá, a vista de taes nomes, que estas questões tinham chegado á solução de que eram susceptíveis? Mas prosigamos.

Gomara, que também esteve alguns annos na America, deu á luz a sua *Historia das Indias* em 1553, isto é, dezoito annos depois que Oviedo publicou o seu livro. Referindo os apprestos, que se faziam em Cadix para a segunda viagem de Colombo, entre outras cousas diz: « Compraram-se a custo dos reis muitas egdoas, vaccas, cabras, porcas, e asnas para casta, porque lá não havia semelhantes animaes. Comprou-se também mui grande quantidade de trigo, cevada, e legumes para semear; sarmentos, canas de assucar, e plantas de fructas doces e agrias. » Aqui o facto reveste-se de circumstancias inteiramente novas. E é para mim maravilha que estas palavras tão positivamente ditas, por um escriptor hespanhol contemporaneo, e que visitou os lugares de que ia fazer a historia, passassem assim inadvertidas. Será que apezar de tudo elle não inspire grande confiança como o dá a entender quem escreveu a sua vida na *Biographia Universal*, dizendo: « Desgraçadamente Gomara serviu-se de memorias pouco exactas; e vê-se facilmente que elle suppriu a falta de factos positivos com sua fértil imaginação? » Mas ao menos não merecia ser mencionado ou refutado?

Gomara, n'este caso, teve seguramente bons documentos em que se firmasse; e se lhe faltaram auctores hespanhoes tinha os escriptos de Pedro Martyr, de inestimavel preço, e limpos de toda a suspeita. Pois este celebre escriptista que se correspondia com as primeiras personagens de seu tempo, esteve por varias vezes na Hespanha, enquanto corriam os extraordinarios successos das viagens de Colombo, e das primeiras expedições dos hespanhoes ao Novo Continente. D'onde as noticias elle as recebia em primeira mão, e em toda a sua pureza, quer do proprio almirante, quer de quantos iam chegando das novas terras. « *Scripti, diz elle, quæ omnes uno ore, imò redeunt, de ejus terræ facta referunt.* » (6)

No capítulo III da 1.^a Decada do seu livro intitulado — *Noëus Orbis*, ou *Oceanæ Decades*, tratando da natureza da ilha de San Domingos, e da uberdade de seu solo, refere nomeadamente varias

(6) *Noëus Orbis*, Decada 1.^a

plantas, que foram semeadas nas margens do rio, que corria junto a *Isabella* primeira cidade, fundada na America por Christovam Colombo, as quaes nasceram e cresceram com rapidez, e vigor prodigiosos, figurando entre ellas a canna de assucar. « *In hujus fluminis ripis*, diz elle, *hortos colendos limitibus concluderunt: ex quibus de omni olerum genere, ut puta raphanorum, lactucarum, caulium, boraginum et aliorum hujuscemodi, intra diem, à jacto semine, sextum decimum, vulgo matura evulsa sunt. Melones, cucurbitas, cucumeres, et alia id genus, in diem sextum et trigesimum carperunt. Cannarum radices, ex quarum succo saccharum extorquetur, sed non coagulatur succus, cubitales cannæ, intra quindecimum etiam diem emisserunt.* »

Se n'este passo não temos precisa a época, em que se fez esta primeira plantação de cannas na America, porque sobre a data d'este escripto existe alguma duvida, ella está declarada com a desejada exactidão na carta que Pedro Martyr escreveu, a seu amigo Pomponio Leto em Janeiro de 1495, onde esta noticia vem tam extensa, e quasi pelas mesmas palavras, como aqui.

Orá, se em Janeiro de 1495, Pedro Martyr tinha aquella noticia, a canna ja existia em 1494 no Haiti, e não podia ter ido para ali senão na frota da segunda viagem de Colombo, como refere Gomara, a qual partindo de Cadiz em Setembro de 1493 chegou áquella ilha em Dezembro do mesmo anno. E se recorrermos á historia das viagens de Colombo acharemos ainda reforço a esta opinião. Lê-se ali que o almirante Colombo tendo chegado a Porto-Real, e achando devastado pelos indigenas o fortim, que na primeira viagem mandara fazer, e mortos todos os Hespanhoes, que n'elle deixara, foi buscar outro sitio, onde lançou os fundamentos de *Isabella*; e deu ordem para que se fizessem sementeiras das plantas, que tinham vindo da Europa. Tendo depois ido examinar as minas de Cibão, quando voltou a *Isabella* em Abril de 1494; ficou surprehendido de ver a vegetação viçosa das plantas que dous mezes antes mandara semear. Reflectindo-se, não se pôde pôr em duvida que foi d'este acontecimento que Pedro Martyr teve a noticia, que perpetuou em seus escriptos, com declaração das especies semeadas.

Tenho pois por incontestavel que a canna de assucar chegou a San'Domingos em Dezembro de 1493; e foi ali plantada em Janeiro do anno seguinte.

D'onde então procedeu tanta divergencia entre auctores que escreveram tam proximo ao acontecido? Quanto a mim, é que fiados mais nas informações, que por si mesmo tomavam, do que nos escriptos contemporaneos, foram por ellas induzidos em erro. E talvez que tudo se passasse do modo seguinte: A plantação de alguns pés de canna em Isabella, da que falla Pedro Martyr, levados de Cadix, como refere Gomara, cedo cahiu da lembrança dos colonos; o que não admira, pois aquella cidade teve pouca duração, sendo logo em 1497 desamparada por estar em sitio malsão; e seus habitantes se dispersaram, indo uns para San'Domingos, que então se fundou, e outros para a Conceição da Veiga, ja existente em 1505.

Levando plantas de Isabella fizeram os primeiros cannavieiros que houve nas cidades de San'Domingos e Conceição, sendo provavelmente seus lavradores ali Aguilon, e aqui Atienza. De um d'estes factos se transmitiu separadamente a noticia a Herrera, e do outro a Oviedo. E' isto uma simples hypothese, mas creio que accetavel, porque, sem contrariar a historia, harmonisa opiniões tam desaccordes.

Quanto ao que affirmam os tres primeiros auctores por mim citados, de ter vindo das Canarias a planta da canna para San'Domingos, como fica demonstrado que não foi assim, posso, sem escrupulos, oppôr-lhe a mesma observação que fiz a respeito da Madeira. O que veio das Canarias foram mestres de assucar, trazidos pelo bacharel Velosa quando levantou na cidade de San'Domingos o primeiro engenho que houve na America.

Cabe aqui refutar a opinião de alguns auctores, que asseveram ser a canna doce natural tambem da America, firmando-se principalmente no dizer de alguns viajantes, que acharam-na vegetando por si, ou cultivada pelos selvagens em lugares, onde ainda não havia habitado europeu.

E me occuparei so com o padre Labat (que é quem mais largamente arrazoar n'esse sentido) mostrando o lado fraco dos seus melhores argumentos.

« O Inglez Thomaz Gage achou entre os selvagens da Guadelupe cannas d'assucar. » (Este missionario andou pela America em 1625.)

« O padre Hennepin via nas terras baixas da foz do Mississipi abundantes cannas nascendo sem cultura. » (Est'outro viajou em 1675.)

« João de Laët diz que as cannas d'assucar crescem naturalmente na ilha de San'Vicente uma das Antilhas. » (A obra d'este auctor é do 1630.)

« João de Lery escreve que nos arredores do Rio de Janeiro havia grande quantidade de cannas d'assucar. » (Isto era em 1556.)

Estas são as provas mais valentes, em que se apoia Labat para asseverar que a canna é tambem planta natural do Novo Continente, sem lhe occorrer a elle, e a quantos o copiaram, que tudo aquillo acontecia muito depois que os Hespanhoes, e Portuguezes haviam estabelecido em suas colonias americanas fabricas de assucar, d'onde os selvagens podiam tomar a canna, e leva-la aos logares mais solitarios; e que enfim todo o littoral era frequentado por navios europeos; com os quaes os indigenas commerciam desde muitos annos, e d'elles podiam receber aquella planta.

Por outro lado, nos escriptos, que restam dos primeiros viajantes, o exploradores da America, como Colombo, Caminha, Vesputio, etc., encontram-se nomeadas varias plantas americanas, mas não a canna d'assucar.

Do varios vocabularios de linguas americanas que eu pude consultar, nem um traz nome proprio para este vegetal. E' verdade que em Pison e Marcgravio vem as palavras — *Vibá* — e — *Tacomará* —; mas se alguma vez o selvagem se servia d'ellas para designar a canna d'assucar, é claro que lhe faltava o termo proprio, porquanto a primeira é um nome generico das gramineas, que dam frecha, e a segunda é talvez corrupção de *tacomeri*, *tacoara*, ou canna pequena.

Enfim, si qualquer das especies das nossas cannas fosse originaria d'este continente, achar-se-hiam, não aqui, ou arolá uma, ou duas touceiras, mas generalisada por toda a parte, ondeo

clima lhe fosse propicio, como se viu com a mandioca, milho, e outros vegetaes.

Nada pois nos persuade que a canna d'assucar seja planta nativa da America.

Chego, senhores, depois de ter-me talvez feito esperar de mais, á parte essencial do meu ponto, considerando-o particularmente em relação ao Brazil.

Eja não pôde ser questão si a canna é ou não indigena d'esta terra. As provas affirmativas são da mesma natureza, e forza que as do padre Labat; como, por exemplo, « O brigadeiro Antonio de Almeida e Lima, governador da Cuiabá, querendo cultivar a canna ali, e não fazendo planta no lugar, mandou por alguns de seus familiares em duas canoas de guerra, ás margens do rio San' Lourenço, onde tinha noticia, que dois annos antes alguns sertanejos a tinham achado vegetando naturalmente. Passados dois mezes voltaram as canoas carregadas de canna, com que se fez a primeira plantação em Cuiabá (7). » Tudo isto ha de ser verdade; mas passava-se em 1730, ou duzentos annos depois que no Brazil se começou a plantar canna.

E' um facto, que se esquivá a toda averiguação historica, a época, em que este vegetal entrou em nosso paiz; porque d'í só não podia ficar vestigio.

Provavelmente este asserto ha de produzir alguma estranheza quando a crença geral é que Martim Affonso a mandou buscar á Ilha da Madeira.

Para discutir este ponto tenho por conveniente transcrever aqui segundo a ordem dos tempos, o que nos auctores pude achar a esse respeito: e assim se verá como tambem aqui reina a incerteza.

Pedro Magalhães de Gandavo, que escrevia em 1576, apenas noméa a canna d'assucar (8).

(7) *Corographia Brazilica*, tomo 1.^o.

(8) *Historia da Província da Santa Cruz*.

Gabriel Soares em 1589 quando quer fallar da cultura da canna na Bahia, exprime-se d'este modo: « E espere nos na canna de assucar, cuja planta levaram d' capitães aos Ilheos, da Madeiras e o Cabo Verde (9). »

Simão de Vasconcellos na *chronica da companhia* impressa em 1663 diz: « Esta villa (San' Vicente) foi a primeira, em que se fez assucar, na costa do Brazil, e d'onde as outras capitaniaes se procuram da canna para planta. »

Poucos annos depois (1675) escrevia Brito Freire o seguinte: « Aqui (San' Vicente) se achou o modo de fazer assucar. E aqui se acharam primeira as cannas, em que se cria, d'onde sahio a planta, que inundou utilissimamente a Nova Lusitania. (10) »

O padre Agostinho de Santa Maria, compoendo em 1722 o seu *Sanctuario Mariano*, repete o que disse Simão de Vasconcellos.

Ignacio Barbosa Machado reproduziu nos *Fastos d' Antiga e Nova Lusitania* em 1745, quasi sem mudança de palavras, o texto do Brito Freire.

No *Orbe Serafico* do padre Jaboaão, impresso em 1761, se lê: « Foi povoada esta capitania (de San' Vicente) de nobre e honrada gente, que consigo trouxe seu fundador Martin Affonso. foi a primeira onde se fabricou assucar, e d'onde se mais se proceram da semente das cannas, que plantaram: que foi so a parte do Brazil em que se achou a planta. »

Os padres Jaboaão, e Vasconcellos provavelmente se fundaram em uma outra passagem de Gabriel Soares, si é que todos não copiaram algum escripto anterior, de que ja hoje não ha noticia.

Do que fica exposto até aqui, so se collige com segurança, que onde primeiro se fez assucar no Brazil foi a capitania de San' Vicente, ficando ainda em escuro quem, e quando o fez. E a respeito da canna, uns deixam entrever, outros dizem claramente, que foi achada ali: com excepção de Gabriel Soares, que affirma que para a cultura dos Ilheos veio a planta da Madeira, ou de Cabo Verde.

(9) *Noticia do Brazil.*

(10) *Guerra brazílica.*

Pedro Taques Paes Leme, homem cheio de erudição das coisas de sua provincia (São Paulo) que, como diz fr. Gaspar, gastou cincoenta annos em investigar as suas antiguidades, para depois escrever a sua historia, á que deu a ultima de mão em 1772; sobre a materia que nos occupa diz o seguinte: « *Até o anno de 1533 existio em a villa de San'Vicente o seu fundador Martin Affonso de Souza, e n'ella estabeleceu o primeiro engenho de açúcar, que houve em todo o Brazil, com a vocação de S. Jorge.* » Mais claramente se explica Pedro Taques na sua historia da expulsão dos Jesuitas do collegio de S. Paulo, dizendo: « Deixando a povoad a dita villa da Ilha de S. Vicente e estabelecida uma grande fazenda com engenho de assucares, com vocação de S. Jorge, se retirou o dito Martin Affonso de Souza para o reino em fim do anno de 1534. » (Revista Trimestral 2.^a serie Tomo 5.^o n.^o 12.) Aqui sim, temos ja conhecimento de quem levantou essa fabrica, e a possibilidade de marcarmos approximadamente o tempo em que o fez, devendo ser dentro do anno de 1532. Mas Pedro Taques guarda silencio a respeito da canna, seguramente porque não teve documentos, que o guiassem.

Em 1707 sahiram á luz as — *Memorias para a historia da capitania de San'Vicente* — escriptas por fr. Gaspar da Madre de Deus, nas quaes o instruido, e laborioso Monge, sobre o nosso assumpto, se explica d'esta fórma: « *Mandou (Martin Affonso) vir da ilha da Madeira a planta de canna doce. Para que os lavradores a pudessem moer, fabricou quasi no meio da sobredita ilha um engenho d'agua, com capella dedicada a S. Jorge, o qual foi o primeiro, que houve no Brazil.* » N'esta passagem quanto diz respeito á fundação do engenho, é consentaneo com o que escreveu Pedro Taques, cujos manuscritos confessa fr. Gaspar, que os teve entre mãos: mas a noticia, que nos dá, sem declarar d'onde a houve, de ter Martin Affonso mandado vir da Madeira planta de canna, é aqui onde a encontro pela primeira vez.

Desde então tem esta opinião dominado sem contraste. Examinada porém, em confrontação da historia d'esses tempos, não me parece assentada em bons fundamentos. Vejamos: Pelo

diário da navegação de Pero Lopes, tom se heja a certeza de que Martin Affonso abriu os alicerces á primeira colonia portugueza em San' Vicente, de volta do Rio-da-Prata, em fins de Janeiro de 1532: e que em Março, ou na monção do anno seguinte (conforme os documentos, que viu fr. Gaspar) partiu para Lisboa, tendo-se demorado em San' Vicente obra de quatorze mezes. Ora, sendo n'esse tempo, que como expressamente o diz Pedro Taques, elle fez fazer o engenho de San' Jorge; e não constando, que, no entretanto, mandasse um expresso, á Madeira, ou que de lá lhe chegasse navio, a conclusão é que Martin Affonso não recebeu da Madeira as plantas da canna. So querendo-se admittir que elle fabricou o engenho antes de ter as cannas, o que nem é natural, nem se conduna com as palavras de fr. Gaspar, cujo sentido obvio, e grammatical é que Martin Affonso fez o engenho para que os lavradores moessem as cannas, cuja planta tinha mandado vir da Madeira.

Eu cortarei já por esta difficuldade, reservando-me para dar depois as provas, em que me estribo: Martin Affonso mandou fazer o engenho, porque se acharam no littoral de San' Vicente cannas de assucar plantadas por mão dos selvagens.

O nosso illustre consocio o sr. Varnhagem, na biographia de Martin Affonso, que ajunctou ao diario de Pero Lopes, resolve esta questão de outra maneira. Segundo elle, Martin Affonso estava já em Lisboa, e se preparava para a viagem da India quando deu as providencias, « *enviando para sua capitania, casais, plantas, e sementes, incluindo a canna de assucar, e celebrando contractos para a factura d'ente.* » Por outras palavras, foi entre Maio de 1533 e Março de 1534 que o donatario de San' Vicente, estando em Lisboa, determinou que se levasse para a sua capitania cannas d' assucar, e contractou a edificação do engenho de San' Jorge. Isto vai em cheio encontrar o que dizem Pedro Taques e fr. Gaspar. E como ignoro as razões, com que se autorisa, me permittirá o sr. Varnhagem, que ao menos por agora, eu continue no meu proposito, cingindo-me ao que escreveram aquelles outros dois Paulistas. Mas é tanto o peso de sua opinião, especialmente em materia de historia do Brazil, que não posso prescindir

de justificar-me da impugnação que me animo a fazer-lhe. Aquelle contracto feito em Lisboa é posterior á criação do engenho de San'Jorge (e esta, entendo eu, presuppõe a existencia da canna em San'Vicente) como se collige dos escriptos de Pedro Taques e fr. Gaspar, bem que este expunha o negocio um pouco embrulhadamente. Diz elle que Martin Affonso de Souza e Pedro Lopes de Souza fizeram sociedade com João Veniste, Francisco Lobo e Vicente Gonsalves, com o fim de levantarem dois engenhos, um em cada uma das respectivas capitães d'esses donatarios, as quaes eram San'Vicente e Itamaracá. Ja aqui ha defeito de redacção quando dá a entender que se iam levantar ambos os engenhos; mas o auctor corrige-se logo servindo-se provavelmente das proprias palavras das escripturas, que elle viu. Assim, a respeito de San'Vicente se exprime d'este modo: « *no engenho construido na capitania de Martin Affonso* » e mais adiante: « *Martin Affonso satisfiz a condição assignando as terras no engenho de San'Jorge, situado na ilha de San'Vicente.* » E a respeito do de Itamaracá diz: « *no outro engenho que se erigisse em suas terras.* »

Reforçar-me-hei ainda com outra argumentação. O engenho de San'Vicente teve, diz fr. Gaspar, varios appellidos segundo seus possuidores em diferentes tempos. Chamou-se primeiro *Engenho do senhor governador*, por ter do donatario; depois *Engenho dos Armadores*; e por ultimo *San'Jorge dos Erasmos*, tendo passado ao dominio do Allemão Erasmo Scheter, e seus filhos. Ora os armadores, que em segunda mão possuiram o engenho de San'Jorge, não podem ser, senão aquelles, com quem se fez o contracto em Lisboa. Isto se infere claramente d'estas palavras de fr. Gaspar: « *Para fomentar o commercio instituiu Martin Affonso uma sociedade mercantil; e aos accionistas d'esta companhia chamavam ARMADORES DO TRATO.* » Si pois em tudo isto me não tenho enganado, Martin Affonso pelo contracto feito em Lisboa cedeu á companhia o seu *Engenho do Governador*, que tomou o nome de *Engenho dos Armadores*.

A estes ultimos o compraram os Erasmos, como o diz fr. Gaspar, e tambem Pedro Taques, cujas palavras são: « *O engenho de*

« San'Jorge depois, com grande augmento de fabricas, e escrava-
« tura passou a ser dos Allemaes Erasmo Esquert e Julião Visnat,
« e ficou chamando-se San'Jorge dos Erasmos. » Não falla nos Ar-
madores, porque quanto a mim Julião Visnat é o mesmo João
Veniste de fr. Gaspar, um dos Armadores, que depois vendeu a
sua parte aos filhos de Erasmo, o qual tinha antes comprado a
parte dos outros.

A impericia dos escrivães adulteravam os nomes estrangeiros
até tornal-os desconhecidos. Não é so aquelle; tambem o segundo
nome de Erasmo está viciado. Pedro Taques escreve *Esquert*, e
fr. Gaspar *Scheter* ambos errados. Ao menos este tenho modo
de o rectificar, por achal-o escripto na narração da viagem de
Ulricus Faber (11) que em 1553 tocou no porto de San'Vi-
cente, onde diz elle: « *nævem lusitanicam invenimus, saccharo,*
« *gossypio, et aliis rebus onusta, quæ ad Erasmum Scheltzen per-*
« *tinebat.* » (12)

Não podendo eu pois, e bem a meu pezar, submeter-me, n'esta
materia, á opinião de fr. Gaspar pelas razões expendidas, nem á
do sr. Varnhagem, por isso que, se na occasião do contracto, de
que falla, ja o engenho San'Jorge existia, lhe era tambem an-
terior a existencia da canna em San'Vicente, resta ver si com
effeito a canna d'assucar podia existir em San'Vicente antes que
ahi chegasse a armada de Martin Affonso. O que, em minha
opinião, não era so possivel, devia acontecer.

Brito Freire e outros mais disseram bem positivamente que na
capitania de San'Vicente se achou a canna de que se faz assucar.
Elles o não inventaram, é tradição que corria, e a que se dava
assenso, ou não se combatia, até o tempo de fr. Gaspar. Mas isso
não seria bastante, si não fosse confirmado por um valioso docu-
mento.

A armada hespanhola, que devia fazer o gyro do mundo sob o
mando de Fernão de Magalhães, em 1519, fundeou na bahia do
Rio de Janeiro, e ali achou entre os indigenas a canna de assucar,
como refere Pigafetta, a quem se deve uma narração d'esta im-

(11) Na Coll. de TERN. COMPANS 16-46: *Ulricus Schimidel*.

(12) Coll. de THEOD. DE REY.

preza. « *Passada a linha equinocial, diz elle, navegámos até uma terra, que se cham: Terra de Brazil, 22 grdos para o polo ant-artico.*». Nesta terra nos refrescámos com muitas fructas, e entre outras batatas que se assemelham ao sabor das castanhas, e a isto como nabos ha outras que se chamam pinhas fruta mui gentil: comemos carne d'um animal chamado anta, que é como uma vacca; achamos CANNAS DE ASSUCAR, e outras infinitas « *cousas* » (13).

E tanto prosperaram aqui, que quarenta annos depois João de Lery, historiando as maravilhas de Guanabara, usa d'estas palavras: « *sacchari quoque canne optime in illis terris crescunt, et maxima copia* » (14).

E pois que todo o mundo sabe que as tabas ou aldeas dos Tamoyos se communicavam por mar, e por terra desde Cabo-Frio, até San'Vicente, ha de se convir, que uma planta tam estimada pelos selvagens o de tão facil propagação devia ter-se estendido por toda essa costa.

Mas perguntar-se-ha como veio essa planta ao Brazil? Não tenho outra resposta senão a que ja dei a entender em outro lugar. Todo o littoral americano e especialmente o do Brazil, era devassado por navios europeus, em viagens de explorações, ou com o fim de trafficar com os indigenas: e seguramente n'elles vinham as cannas de assucar, tomadas nas arribadas, que faziam em algumas das Ilhas-Canarias, ou de Cabo Verde, para refresco da gente; ou quem sabe si mesmo como um d'esses resgates de pouco valor, com que angariavam os pobres americanos, e lhes pagavam o seu trabalho. Que a canna era um bom refresco para viagem de mar, vê-se por estas palavras do padre Thomaz Gage: « *partindo de Guadelupe chupavamos cannas de assucar, que sempre tínhamos na bocca* » (15).

Para o Brazil, o mais provavel é que ella viesse de San' Thomé, onde geralmente se refaziam os navios, que navegam para a India, e para o Brazil; e onde a industria assucareira havia tomado tal

(13) Coll. de RAMUSIO.

(14) Hist. de uma viagem feita ao Brazil.

(15) Coll. de viagens por TREVENOT.

desenvolvimento, que o professor Domingos Vandelli assevera haver ali sessenta engenhos em 1492 (16).

Agora em que se fundou fr. Gaspar para affirmar que Martim Affonso a mandou vir da Ilha da Madeira, não sei dizer. Seguindo porém a minha maneira de interpretar estes factos, que talvez peque por systematica, não é improvavel que essa crença se originasse pelo modo que vou expor. A associação formada em Lisboa com o fim de fazer engenhos e administrar o negocio dos assucars mandaria procurar a Madeira bons mestres d'esse lavor, na frase de Barros; e n'esta supposição me abona o proprio fr. Gaspar, quando, fallando da nobreza, dos primeiros povoadores de San' Vicente diz « *Antão Leme, Fidalgo da Madeira... supple-se* » e *que veio na mesma occasião, em que Martim Affonso mandou* » *buscar a Madeira a planta das cannas.* » E como me parece ter mostrado que isso não teve lugar, julgo que esse fidalgo veio em companhia dos mestres, aos quaes, por costume, se attribuiu a trazida das cannas (17).

O facto é que por toda a parte a semente da canna chegou muito antes que se cuidasse em preparar o assucar; e por quasi toda a parte, teve tambem sorte igual à de outros vegetaes, que, conduzidos por particulares descuidosos não deixam documentos nem de si nem de seus introductores.

Não é o mesmo com o estabelecimento de fabricas ou engenhos; são factos notaveis, que com os nomes de seus fundadores gravam-se na memoria do povo, ou se perpetuam em scripturas publicas. Os lugares d'onde viham os melhores operarios tambem não ficavam esquecidos; e não deixa de ser curiosa a circumstancia de se querer que com elles viesse sempre a planta da canna.

Tal é, senhores, o meu modo de encarar este objecto. Serei tachado de temerario, porque oppoño à affirmativa de autores conceituados denegações fundadas, muitas vezes em conjecturas. Não

(16) *Memoria sobre alguns productos naturaes das conquistas.*

(17) Entenda-se que tratando das primeiras cannas que se plantaram no Brazil e das quaes seguramente quiz fallar fr. Gaspar, não é meu proposito negar nem affirmar, que no navio, em que supponho q se vieram os referidos mestres, ou em outros, viessem tambem cannas d'assucar.

me quero defender; ahí ficam explanados, como Deus me ajudou, os argumentos, em que me estbro; elles dirão si a razão me assiste, ou não.

Em resumo, vimos a nossa planta partir da península Indiana, chegar ás praias do Oriente, seguir pelas ilhas, o beiras do Mediterraneo, sahir pelo estreito de Gibraltar, derramar-se pelas ilhas da Madaira, Canarias, o de Cabo-Verde, e d'aqui saltar ao Brazil pouco tempo depois do seu descobrimento.

A canna de que me tenho occupado até agora é a que, tanto no Brazil, como nas Antilhas, chamam *canna creoul*, denominação, que, eu creio, lhe foi dada, depois que com ella veio competir a outra proveniente de Otahiti, e que entre nós tem o nome de *canna cayena*.

Tussac a tem por especie distincta — *Saccharum luteum* (18).

Mas outros a reputam uma variedade — *sacch. officinarum*.

Bourgainville na sua viagem em roda do mundo em 1768 achou-a crescer lo sem cultura em Taiti. D'aqui veio para as ilhas de França e de Bourbon, e d'esta ultima para Guiana Franceza, onde a chamam — *canna de Bourbon*.

Para o Brazil ella veio de Cayena, d'onde trouxe o nome: e a primeira provincia que a recebeu foi o Pará, no tempo do governo de dom Francisco de Souza Coutinho (19) entre os annos de 1790 a 1803.

Segundo as informações que devo á bondade do ex.^{mo} sr. conde de Iguassú, ella chegou á Bahia em 1810; e foi primeiro plantada no engenho da Praia, cujo dono era Manoel de Lima Pereira.

Da Bahia passou para o Rio de Janeiro pelos cuidados do ex.^{mo} Felisberto Caldeira Branto, depois marquez de Barbacena: e os primeiros engenbos, que aqui a cultivaram foram os de Bangü, e Gerecinó, na freguezia do Campo-Grande, dos quaes era pro-

(18) *Hera das Antilhas*.

(19) BALTHASAR DA SILVA LISBOA, *Annacs do Rio de Janeiro*.

prietaria a ill.^{ma} dona Anna de Castro: e á amizade do ex.^{mo} sr. barão de Piraguara, dono actual do de Bangû, devo o conhecimento de que isso foi em 1811 (20).

Depois d'esta tem-nos chegado outras variedades, taes como a rajada e a rosa, ou canna de Bitavia, que actualmente está sendo preferida em algumas fazendas proximas a esta cidade.

Senhores, forçado a emmaranhar-me em considerações historicas, para as quaes tenho poucas habilitações; obrigado a cada passo a recorrer a conjecturas na falta de dados claros e positivos; constrangido a combater opiniões de doutos escriptores, minha narração deve necessariamente resentir-se dos meus embaracos. Si ao menos eu possuísse o talento, e o habito de escrever, talvez conseguisse amenisar um pouco a rudeza da materia; e de alguma sorte disfarçar os meus defeitos; mas como isso me não é dado, so me resta pedir-vos que presteis ouvidos indulgentes a esta, como a outras leituras, com que, por obediencia, tenho ainda de occupar a vossa attenção.

Sala do Instituto, 16 de Maio de 1856.

Francisco Freire Allemão.

(20) Ainda que eu tenha toda a confiança n'estas informações, não posso todavia deixar de trasladar aqui, o que a esse respeito escreveu o padre Luiz Gonçalves dos Santos nas suas *Memorias para a historia da historia do reino do Brasil*. Referindo os acontecimentos do anno de 1810, diz: « Tambem d'esta colonia franceza (Cayenna), presentemente sujeita ao dominio do principe regente nosso senhor foi remetido para esta corte, pelo brigadeiro Manoel Marques, governador interino da mesma colonia, uma preciosa colleção de plantas espediceiras, e frutiferas, extrahidas do celebre Jardim chamado Gabriella... muitas d'estas plantas ficaram no Pará, outras em Pernambuco, e grande numero dellas chegaram a este porto do Rio de Janeiro... e logo foram remettidas para o Real Jardim da Lagôa de Rodrigo de Freitas, para ali se cultivarem. Juntamente com essa remessa de plantas vieram cannas saccharinas da mesma Cayenna, as quaes pela sua enorme grandeza e grossura se fazem apreciaveis, etc. etc.»

CAFÉ (*Coffea*).

O nome — *arabica* — com que Linneo especificou esta *rubiacea* mostra que elle a reputava indigena da Arabia : e esta era tambem a crença commum então ; porque foi alli, onde primeiro os europeus a encontraram cultivada, e onde o commercio se provia do seu fructo para o repartir pelos povos da Europa, quando estrou a ser em uso.

Mas um medico francez Carlos Jacob Poncet, que peregrinou a Ethiopia em 1698, dá noticia d'esta planta do modo a fazer crer que era ali nativa. « Enquanto estive na Ethiopia, diz elle, soube que mais de uma vez haviam tentado os Hollandezes entrar em commercio com os habitantes d'aquelle lugar ; porem, ou fôsse pela differença de religião, ou porque seu grande poder nas Indias orientaes causava ciumes, o certo é que os Ethiopes não quizeram trato com elles.... Tambem lá me constou que os inglezes andavam desejosos de entreter relações commerciaes com aquelles povos ; e que um mercador armenio, de nome Agapyri, se havia associado com os inglezes para ter parte n'este commercio, que devia ser muito lucroso ; porque além do oiro, algalia, mirfim etc. tirariam da Ethiopia o aloes, a myrrha, a cassia, o tamarindo e o café, do qual os Ethiopes fazem pouco caso ; e me disseram que esta planta fôra antigamente levada do seu paiz para Yemen na Arabia Feliz, onde hoje se faz a principal cultura ; porque na Ethiopia ja se cultiva somente por curiosidade. » (1)

Quanto a mim, o abbade Raynal fundou-se no testemunho d'este viajante, quando na sua erudita e estimavel — *Historia dos estabelecimentos e commercio dos europeus nas duas Indias* — as severa que *O Cafezeiro nasce espontaneo na Alta Ethiopia, onde de tempos immemoriaes é conhecido.* »

(1) *Cartas edificantes* — 1767 — (em hespanhol).

Ultimamente a expedição scientifica, mandada pelo governo francez explorar a Abyssinia em 1839, composta dos Srs. Martin Dillon, Petit, e Lefebvre, dos quaes so este ultimo voltou a França, havendo os dous companheiros perecido, o primeiro de typho, e o segundo afogado no Nilo, acharam a planta do café vegetando naturalmente no districto de Kaffa, onde os habitantes não tiram d'ella beneficio algum.

A autoridade d'estes viajantes; a tradição que Poncet achou na Ethiopia; e a seguinte passagem de um manuscrito arabe « antes de Gemaleddin, o café era desconhecido na Arabia. Tendo porém passado de Aden para outros lugares vizinhos foi levado a Meca, em fins do seculo 9.º da Egira, ou 15.º da era christa. » (2) Tudo isto, digo, faz hoje acreditado que a Alta Ethiopia é a verdadeira patria do cafezeiro.

E na opinião de Loudon (3), o uso do café na Ethiopia sobe a tempos mui remotos; como tambem o indica Raynal.

E' porém digno de reparo que nem Fr. João dos Santos na sua *Ethiopia Oriental*, impressa em 1609; nem o padre Balthasar Telles, que escreveu a historia da Alta Ethiopia á vista de numerosos documentos, fornecidos pelos missionarios, que ali estavam desde 1540 até seu tempo, digam cousa alguma a respeito do café, que todavia era ja bebida divulgada em 1615, quando este ultimo compunha a sua obra em Goa.

Não repetirei o que se conta do como se decobriram as qualidades e os usos d'esta semente, porque tudo tem ares de um verdadeiro conto arabico. O que com verdade se sabe é que em fins do seculo XV entrou a ser cultivada na Arabia Feliz; que meado o seculo XVI tanto ali, como no Egypto, e em outros lugares do oriente seu uso era commum; e que um seculo mais tarde se fez conhecida na Europa, onde chegava vindo da Arabia pelo mar vermelho, até que os Hollandezes lhe dêram novo caminho rodeando a Africa.

(2) *História geral das viagens, pelo ABBADÉ PREVOT.*

(3) *Encyclopa das plantas.*

A palavra européa — café — é corrupção da arabe — *cahovet*. — O padre Manoel Godinho (4) que a ouvia da bocca dos Arabes quando veiu da India para Portugal, escreve — *caod*, — provavelmente supprimindo a aspiração do arabico. Este vocabulo significa propriamente o licor, ou infusão feita com os grãos do cafezeiro, dos quaes o nome arabe, ou mais provavelmente ethiope é *ban*, ou *ban*. Fr. João de Souza, porém, quer que *caud* signifique o grão torrado, que antes d'isso se chama *boon*. (5) Deixo a quem compete a decisão d'este ponto.

Linneo, reformando a nomenclatura botanica, entendeu que para esta planta o nome generico devia ser *coffeea* derivado do grego *καφεα* (*cofeo*) eu me calo, antes que de *cahovet*, por ser termo barbaro. Apesar do respeito, que infunde tam grande nome, eu, apadrinhado com Loudon, direi sempre *coffeea*, mais accommodado ao arabe.

O primeiro desenho e descripção botanica do cafezeiro, que appareceu na Europa se devem a Rauwolf, naturalista hollandez, que andou pelo oriente em 1580. E as primeiras plantas vivas, que alli chegaram foram trazidas tambem pelos hollandezes em 1690.

Estabelecidos estes em Java desde 1610, parece que so pelos annos de 1680 é que lhes veiu a idéa de transplantarem para alli o cafezeiro. Primeiro levaram da Arabia algumas sementes, que plantadas não vingaram, depois passaram algumas mudas, ou plantinhas, as quoes pegaram e fructificaram bem. D'esta produção sahiram algumas plantas para a Europa, e para a America. Aquellas chegadas em 1690 se crearam em estufas nos jardins de Amsterdam: e d'ellas provieram as que Luiz XIV de França recebeu de presente em 1714, e que cultivadas no Jardim das Plantas em Paris produziram alguns pés, que foram confiados a DeClicux para os transportar a Martinica, onde chegaram em 1720, devendo sua salvação aos cultados affectuosos do seu portador, do qua elle proprio fez a interessante historia, que mandou a Aublet, e este a publicou em sua obra, *Plantas da*

(4) *Itinerario*.

(5) *Vestigios da lingua arabica em Portugal*.

Guiana. Est'outras levadas para a colonia de Surinam, poucos annos antes, ou depois de 1700, foram as que primeiro se aqueceram ao sol da America.

De Surinam passaram clandestinamente algumas sementes de café para Cayena colonia franceza em 1719; isto é, antes que a Martinica recebesse as plantas, que lhe levou Declieux.

Pois os francezes tinham ja concebido quanta era a vantagem da cultura e commercio d'este genero. Assim ja em 1708 tinham formado em Sam'Malo, uma companhia de armadores, para commerciar directamente com a Arabia, tendo por objecto principal o transporte do café. E os primeiros navios, que a isso foram, voltaram com boa carga em 1710. (6)

No districto de *Belt-el-Fukah*, em Yemen havia formosas plantações de café, as quaes, diz o abbade Prevot (7), os europeus quando alli estavam, iam ás vezes visitar, recreando-se. E foi d'alli que os holandezes e francezes tiraram plantas, aquelles para Java, no anno acima declarado; estes para a ilha de Bourbon em 1717.

Enquanto holandezes e francezes porflavam em tirar proveito d'esta planta, o que faziam os portuguezes? Em um artigo do *Panorama* (8) a respeito do café, vem estas palavras: «Quando os nossos navegadores rodeando a Africa chegaram a Arabia; começaram por negocio a transportar o café para a India: os holandezes, que nos usurparam este ramo do commercio, como todos os que faziamos no oriente, levaram para Batavia alguns pés d'aquelle arbusto... etc.» Esta asserção deve ter fundamento historico, que me é desconhecido. O que sei é que os holandezes so depois de 1600 é que se apoderaram do commercio do oriente: e até essa época chegam as *Decadas* de Barros e Coito, onde nem a palavra — café — se acha.

Recorri aos escriptos dos portuguezes, que andaram pela India e Ethiopia, taes como: Duarte Barbosa, que em 1516 tam extensa e minadamente escrevia sobre cousas da India, Africa, o mar ver-

(6) *Hist. geral das viagens*, pelo abbade PREVOT.

(7) *Idem*.

(8) 2.^o anno, pag. 465.

melho ; o padre Francisco Alvares na viagem ao preste João em 1520 ; e enfim o capitão João Ribeiro, que militou na Índia, para onde foi em 1640, e ali se demorou obra de quarenta annos, e parte d'estes como prisioneiro de guerra em Batavia, na sua — *Fatalidade historica da ilha de Ceilão* ; onde, quando elle faz uma como resenha dos principaes generos de commercio de varias nações, se acha o seguinte: « *O estado do Brazil tem assucar e tabaco ; a Arabia incenso, myrrha, tamaras, e cavallos ; a Persia sedas... etc.* » Nem estes, nem outros, que escuso nomear, fallam em café, que parece ser-lhes inteiramente desconhecido.

E como explicar-se este silencio ? Será que, apesar do que se lê no *Panorama*, o café preparado na Arabia, encaminhava-se, pelo mar Vermelho, para o Egypto e para a Turquia, e não sahia da porta do Estreito para os mares da Índia, antes das emprezas dos holandezes ?

Como quer que seja, a verdade é que os portuguezes so depois que os holandezes e francezes commerciavam ja muito, com este genero, e o cultivavam em suas colonias é que acordaram do seu somno e cuidaram em introduzir essa industria nas suas vastas possessões que denominavam *Nova Lusitania*.

Nem me demove d'este pensar monsenhor Pizarro dizendo: « *O café tendo sido transplantado da India para o Brazil, onde principiou a prosperar, foi contudo mandado arrancar por el-rei dom Manoel para conservar o commercio com a Asia, impondo pena de morte aos que tratassem de sua cultura...* » (9) Basta ver que quando el-rei dom Manuel falleceu em 1521, ainda o café não era conhecido na Europa, não podendo portanto ser objecto de commercio. Evidentemente monsenhor Pizarro interpretou mui de ligeiro uma passagem da carta do padre Antonio Vieira a Duarte Ribeiro de Macedo datada de 1675, que é a seguinte: *Ha muitos annos que se se dá no Brazil a pimenta, e quasi todas as outras drogas da India, como se experimentou no primeiro descobrimento ; e el-rei dom Manoel por conservar a conquista do oriente*

(9) *Memorias historicas do Rio de Janeiro* Vol. 7º.

mandou arrancar todas as plantas asiaticas com lei capital que ninguem as cultivasse; e assim se executou ficando somente o gengibre, que, como é raiz, dizem no Brazil, se mette pela terra dentro; mas ainda assim se conserva a prohibição, e se toma por perdido.»

O primeiro documento valioso, de que tive noticia, sobre a introdução do café no Brazil, é a carta regia de 8 de Agosto de 1732 dirigida ao governador e capitão general do estado do Maranhão e Gram Pará, José da Serra, na qual se recommenda a propagação da planta da canella e do café (10).

E parece que se lhe deu boa execução; porquanto em Dezembro de 1748, requerou o senado da camara do Pará ao ministerio: «*que venham mais navios buscar carga; porque é grande a quantidade dos generos, e se está perdendo muito cacau, cravo, café etc.*» E declarando haver em cultivo: «*mais de setecentas e pés de cacau, e dezeseite mil pés de café...*»

Outro documento, digno de menção é o manuscrito do jesuita João Daniel que esteve onze annos nas missões do Amazonas, e escrevia pelos annos de 1767, no qual manuscrito se lê o seguinte: «*Café (grande genero do Amazonas... se vam estendendo tanto os cafezaes, que d'aquí a alguns annos será uma das principais riquezas d'aquelle rio; pois já manda para a Europa muitas mil arrobas.*» (11)

Estes documentos, porém, não nos informam do lugar d'onde veio a semente do café para o Pará; nem em que tempo, porquanto a carta regia citada supõe, quanto a mim, já começada a sua cultura n'aquella capitania.

O que por tradição consta é que esta planta nos veio ao Pará de Cayena.

E como em Cayena chegaram as primeiras sementes em 1719; e só quatro annos depois é que se poderiam conseguir novas sementes produzidas por aquellas, é claro que o Pará não as podia ter antes de 1723. E como por outro lado, se recommenda na

(10) BAENA, compendio das cras da provincia do Pará.

(11) Idem Idem.

carta regia a propagação do café, e se concedem doze annos de isenção de direitos aos seus lavradores, me parece que posso concluir que em 1732 já elle existia alli ; sendo muito provavel ter ahi chegado entre os annos de 1723 e 1728.

Agora pode-se traçar o caminho que seguiu este vegetal desde o seu solo natal até o Brazil. Da Ethiopia passou em fins do seculo XV para a Arabia, d'ali para Batavia pouco depois de 1680, d'onde veio para Surinam em 1690 pouco mais ou menos ; d'aqui foi levado a Cayena em 1719, d'onde seguiu para o Brazil tempo depois de 1723.

Com isto, senhores, tenho satisfeito, conforme coube em minhas forças a obrigação que me foi imposta. Creio, porém, que se ha de desculpar a um filho do Rio de Janeiro, onde esta planta parece que melhor se deu, mais largamente se cultiva, e constitue um dos primeiros ramos da riqueza d'essa provincia, o gastar ainda alguns momentos com a historia da sua introdução ahi.

Menos pensadamente disse Balthasar da Silva Lisboa, nos seus *Annaes do Rio de Janeiro*, que « os capuchinhos francezes foram os primeiros que no Rio de Janeiro cultivaram o café que esponta-se neamente o encontraram produzido nas vizinhanças da cidade. » (12)

Em um artigo impresso em 1813 no *Patriota*, primeiro periodico, que no Rio de Janeiro, senão em todo o Brazil, se publicou consagrado as letras, e as sciencias, diz o autor que conserva o anonymo: « quando indaguei d'onde nos veio o café pude apenas colligir que ao Pará nos veio por Cayena ; e que o primeiro cafezeiro que appareceu no Rio de Janeiro, o devemos a Hoppman, « Hollandes de nação, que se estabeleceu n'esta cidade : noticia que devo a amizade do nosso illustre botanico José Corrêa da Serra. »

Monsenhor Pizarro, em suas *Memorias do Rio de Janeiro*, para as quaes levou muitos annos em ajuntar documentos, e tradições, é mais circumstanciado a este respeito bem que ainda

não de tolo satisfactorio, elle diz: « pouco a pouco se foi intro-
« duzindo a planta do café pelo Pará e Maranhão onde tem pro-
« sperado notavelmente, depois que o decreto de 4 de Maio de
« 1701 o isentou dos direitos nas conquistas portuguezas. Não es-
« cede muito aos annos de 1770 o principio d'essa cultura n'este
« paiz (Rio de Janeiro), devida ao zelo, e diligencias de João Al-
« berto Castello Branco, chanceller que era na relação d'esta cidade,
« mandando vir do Maranhão ou do Pará, onde nascêra, ou
« havia sido magistrado, as plantas primeiras que se dispu-
« zeram na cerca do hospicio dos padres Barbadinhos italianos,
« e na quinta de João Hoppman, além do arraial de Mata-
« porcos » (13).

Ayres do Casal na sua *Corographia brasílica* diz: « o cafezeiro
« naturalisado (no Rio de Janeiro) no tempo do conde de Boba-
« della, por diligencia d'um magistrado, tem-se multiplicado pro-
« digiosamente e enriquecido muita gente, »

O fallecido José Silvestre Rabello, homem instruido e traba-
lhador, em sua memoria sobre o café lida na sociedade Auxiliadora
da Industria nacional, diz: « O certo é que um hollandez
« por nome Hoppman que se achava estabelecido aqui na corte no
« tempo do vice-reinado do marquez de Lavradio plantou arecos de
« café, » (14)

O nosso saudoso e illustrado consocio, o conego Januario da
Cunha Barbosa, em uma nota, que poz à biographia do Bispo do
Rio de Janeiro, Dom José Joaquim Justiniano, diz: « Tambem
« concorreu elle (o Bispo) para a propagação da cultura do café,
« recebendo sementes da horta dos barbadinhos italianos, e fazen-
« do-as distribuir com muita recommendação pelos padres Coito, e
« João Lopez, aquelle no caminho da Rezende, este no districto de San'
« Gonçalo. Estas sementes tiveram o progresso que hoje sabemos,
« pois que da fazenda do padre Coito se derramaram por todas as
« de serra acima, onde prosperou espantosamente. » (15)

(13) Tomo 7.º

(14) Auxiliador da industria nacional, Vol. 2.º

(15) Revista trimestral do inst. hist. Vol. 4.º (1842)

Eis a tradição passada de bocca em bocca com suas usuas alterações ; e d'ella o que, como mais provavel, se pode deduzir é o seguinte:

Para o Rio de Janeiro veiu a planta do café do Pará, ou do Maranhão por intervenção e cuidados do chanceller João Alberto Castello Branco, que exerceu as suas funções em tempo do governo do Conde de Bobadela, e por morte d'este, fez parte do governo interino por alguns mezes.

E como Ayres do Casal, e Cunha Barbosa asseveraram que aquella planta chegou aqui, governando Gomes Freire d'Andrade, isso não pôde ser depois de 1762 ; (16) pois aquelle governador expirou em dia d'anno bom de 1763. Ja então eram decorridos cerca de trinta e cinco annos depois que o café começara a cultivar-se nas mencionadas duas provincias do Norte.

E ainda em 1768 se fallava tam pouco no Rio de Janeiro em cultivo de café, que o celebre viajante inglez Cook, que aqui esteve n'esse anno, referindo-se a Banks, botanico inglez que o acompanhava, escreve o seguinte: « *todas as produções das nossas ilhas da America prosperariam n'esta parte do Brazil, e « no emtanto os habitantes d'aqui tiram o seu café e chocolate de « Lisboa.* »

A primeira plantação se fez na cerca do hospício dos Barboneos, situado na actual rua do mesmo nome. Ainda em 1782 o conego Januario ali viu dous pés de café, dos primeiros que nasceram n'esta cidade.

Parece que se foram creando sem suscitar grande attenção, até a chegada do vice-rei, o Marquez de Lavradio, que foi em fins de 1769 ; isto é sete, ou mais alguns, annos depois que as sementes tinham vindo. E é natural que fosse o interesse, que o vice-rei mostrou por essa planta, que movesse Hoppman a cultivar-a em sua chacara de Mata-porcos, e o Bispo na sua fazenda do Capão.

(16) O conego CUNHA BARBOSA no seu discurso sobre algumas produções do Brazil (*Auxiliador da Industria Nacional Tom. 3.*) diz que o Desembargador Castello Branco trouxe do Maranhão em 1752 as duas primeiras plantas, que ali aportaram de Cayena. No que julgo en ha mais de um engano.

Entretanto é um facto, para mim inexplicavel, que o Marquez de Lavradio, no relatório com que passou o governo a seu successor, tam minucioso a respeito do canhamo, cochenilla, anil, e guaxima, nada diga sobre o café; e isto era em 1769.

Cresce-me ainda mais a admiração, que em documento semelhante com que Vasconcellos entregou o governo ao conde de Rezende, fallando-se da cultura do café em Santa Catharina, se calasse a do Rio de Janeiro: quando n'esse tempo (1790) ja bastante se havia ella desenvolvido nas proximidades d'esta cidade; pois consta dos fragmentos d'um almanak do Rio de Janeiro, que existe manuscrito na bibliotheca publica, que no anno de 1792 entraram n'esta cidade, tanto de fóra, como do reconcavo, cento e sessenta arrobas de café (17).

Da fazenda do Capão sahiram plantas para a do padre João Lopes em São Gonçalo, da qual se propagou o café pelos logares circumvizinhos, e para a do Mendanha, em Campo Grande, onde, pelo que eu pude alcançar, essa cultura começou pouco antes de 1780.

Do sitio onde se fez a primeira plantação em Mendanha era proprietario, e pouco tempo depois o foi tambem da fazenda, o padre Antonio do Coito da Fonseca.

Foi meu padrinho de baptismo, e criou-me em sua casa até o dia de seu fallecimento, acontecido em 11 de Fevereiro de 1810, cidadão prestante, e digno de ser lembrado; mas não cabe aqui tudo o que a gratidão e o dever me ordenariam que dissesse a seu respeito: limitar-me-hei pois a memorar sómente de sua vida, aquillo que fôr concernente á materia, que me occupa. Lavrador-intelligente excogitava, experimentava, e adoptava os melhores methodos eapparelhos, que n'esses tempos aqui se podiam conhecer; de modo que os productos da sua lavoura que foram, primeiro o anil, depois o café, e ultimamente o assucar, oram entre os melhores que appareciam no mercado. Não era so pechoso na grande cultura, seu pomar; sua horta, seu jardim en-

(17) *Revista trimestral do Instituto Vol. 4.º (Aqui se acham ambos os Relatórios.)*

cerravam quanto então se conhecia de mais raro no Rio de Janeiro; e de algumas plantas foi elle o primeiro cultor; como ainda espero ter occasião de mostrar. Uma certa vivacidade de genio o tornava pouco estavel em seus propositos. Para o anil havia feito fabricas custosas, e que talvez não tivessem irmãs em todo o Brazil; adoptando porém a cultura do café, desprezou aquella inteiramente. N'esta se esmerava de igual modo, e por meio de machinas espremia o café, lavava, seccava e o preparava até o ponto de beber-se; com a compra porem do engenho do Mendanha, substituiu as grandes plantações do café por cannaviaes, deixando apenas quanto lhe dêsse para o gasto, e para presentiar aos amigos.

D'esses primitivos cafezaes ainda alguns alcançei: e vive ainda hoje uma preta, que contando mais de 90 annos, e conservando illasas lembranças de sua mocidade, refere que fazia parte dos escravos que se occuparam no primeiro plantio de cafés que fez o padre Coito.

D'esta fazenda sahiram *mudas* para serracima, onde esta planta tam bellamente se tem naturalizado.

Do que se passou em San'Gonçalo quanto á propagação do café nada pude saber.

Sala do Instituto, 16 de Maio de 1856.

Francisco Freire Allemão.

CHA (*Thea*).

Na China e no Japão, o conhecimento e a cultura do arbusto do cha, bem como a preparação de suas folhas para uso alimentício, são factos, cuja origem parece perdida da memória de seus habitantes.

No imperio chinês encontra-se esta planta nascendo sem cultura; e d'ahi se deduz ser ella indigena d'esse paiz, d'onde passou para as ilhas do Japão.

Aqui, e tambem na China, em lingua mandarin seu nome é *cha*, que os portuguezes adoptaram com pouca corrupção, e no dialecto vulgar da provincia de *Fo-kien* é *thé*, adoptado por outras nações (1).

De passagem lembrarei que tambem n'este caso, como vimos a respeito do café, Linneu creando o nome generico *thea*, quer antes derivá-lo do grego *θεα* (Divindade) que das palavras barbaras *tsja* dos Japões, ou *thé* dos Chins (2).

E um de seus discipulos, Tillé, sustentando uma these sobre o cha em 1765, sob a presidencia de Linneu, n'ella se explica, a este respeito, do seguinte modo: « *In inquirendo unde Theæ nomen desumptum sit, multus non ero; utrum a 茶 (tsja) Japonensium, aut 茶 (thé) chinensium, quod verisimilimum videtur, potus noster suum nomen derivat barbarum, vel quod Botanici denominationem hanc latinam a θεα (thea) Græcorum assumerint, eam obrem, quod fruticem hunc Majores in dicino habuerint cultu, aliis relinquere inquirendum.* » (3)

Entre os Chins é uso antiquissimo, com o fim de tornarem mais saudas suas aguas fluviaes, ferverem-nas antes que se bebam. « *Riem-se de nós*, diz o padre Alexandre de Rhodes, *quando lhes dizemos que nós (europous) so bebemos a agua*

(1) HOUSSAY, *Monographia do Chá*.

(2) *Philosophia Botanica*.

(3) *Amenitates Academicæ*.

fresca ; e quarem que isso nos seja occasião de muitas enfermidades. » (4)

Sem duvida esta necessidade trouxe a invenção de juntar-se á agua fervida folhas de varias plantas, e com especialidade as do cha, para lhe assim melhorar o gosto e até convertê-la em bebida deliciosa pelo apuro a que levam todos os meios de preparação do seu cha.

A Europa ignorou a existencia e prestimo d'este vegetal até meado o seculo nono da era vulgar, em que alguns viajores arabes, que por terra entraram na China, deram d'ella relações, e descortinaram alguns segredos d'esse mysterioso imperio.

Mas o pouco que disseram sobre o cha, como sobre tudo o mais, ficou limitado aos que sabiam a lingua arabe, até que Renaudot traduziu em francez parte d'essas relações em 1718, quando ja então na Europa se tinha bastante conhecimento do cha (5).

O que porém se não explica facilmente é a nem uma menção que d'elle fazem outros viajantes, que muito depois d'aquelles discorreram pela China e Japão, e de que aliás deixaram longas e miudas narrações.

O veneziano Marco Polo que tanto viu da China, da Tartaria e de outros logares do oriente, por onde andou desde 1271 até 1295, não fez memoria em seus escriptos do uso do cha entre os Chins, e Tartaros.

O portuguez Fernão Mendes Pinto, que peregrinou boa parte da China e alguma da Tartaria e do Japão entre os annos de 1540 e 1545, e que tam minucioso é ás vezes relatando o que observou nos campos e lavouras, na parca mesa do pobre, e em sumptuosos festins, nunca achou occasião, nem sequer de nomear o cha.

Entretanto é bom recordar que ambos escreveram seus livros estando ja na Europa.

Depois que os portuguezes dobraram o cabo-da-Boa-Esperança e conduziram suas naus até ás extremas do oriente, religiosos das ordens de San'Domingos, San'Francisco e santo Ignacio, acompanhando-os derramaram-se por essas terras ; e em quanto

(4) *Viajem á China.*

(5) *Journal des Savans* (1719).

levavam a luz do evangelho ao seio de nações idolatras, mandavam para a Europa, em seus escriptos, variada, e curiosa noticia de seus usos e costumes.

O primeiro que chegou ao Japão em 1549 foi o jesuita, Mestre Francisco Xavier, que foi depois canonisado; mas de quanto pude ler das cartas d'essa missão, a primeira em que achei noticia do cha n'esse paiz, é uma assaz interessante do irmão Luiz de Almeida, escripta de Facundã em 1565. « É costume, diz elle, entre os Japões nobres, quando tem algum hospede, que seja pessoa de obrigação, por despedida, mostrarem-lhe suas peças ricas em signal de amor, as quaes são todos os petrechos com que bebem uma certa herba moida, que, a quem a costuma beber é gostosa, que se chama cha. » (6)

Antes porém d'este ja o padre Fr. Gaspar da Cruz religioso dominicano, primeiro missionario que entrou no imperio da China em o anno de 1556, no estimavel livro, que nos deixou, ácerca d'aquelle paiz, dizia: « Qualquer pessoa, ou pessoas que chegam a qualquer casa de homem limpo, tem por costume offerecerem-lhe em uma bandeja galante uma porcelana, ou tantas quantas são as pessoas com uma agua morna, a que chamam cha, e que é tam alavez vermelha, e mui medicinal, que elles costumam a beber, feita de um cozimento de herbas que amarga tam alavez: com isto apazalham communmente todo o genero de pessoas que tem algum respeito quer conhecidas quer não: e a mim m'a offereceram muitas vezes. » (7)

Supponho que entre os modernos foi este o primeiro que tam explicadamente tratou do cha.

Mas quem trouxe á Europa a primeira amostra d'essa produção chinesa foram os holandezes, sem que seja possível assignar com precisão o tempo em que isso foi. Felix Avellar Brotero, na sua *Descripção da Arcore do Cha*, diz: « Este genero começou a introduzir-se na Europa quasi no principio do seculo passado pela companhia hollandeza. »

(6) *Cartas dos Padres da Companhia*, escriptas do Japão, e da China (1598).

(7) *Tratado da China*.

Elle escrevia em 1788. E como essa companhia foi estabelecida em 1602, não foi seguramente antes d'esse anno, e nem depois de 1653, porquanto o padre Alexandre de Rhodes, que voltou da China n'esse anno, diz: que então o cha começava a ser conhecido em França, por intermedio dos holandezes, que, trazendo-o da China, onde lhes custava cada libra 8 ou 10 soldos: o vendiam em Paris a 30 francos.

Quanto á planta viva do cha, Linneu foi quem primeiro conseguiu possuil-a e cultivar-a na Europa.

Isto depois de 29 annos de tentativas infructuosas, das quaes me parece apropositado dar aqui a historia, resumindo-a da these ja mencionada:

« *Per viginti annos in id incubuit (Linnaeus) ut Theæ fruticem in Europam et patriam imprimis transportandum curaret.* »

« *Vicies semina ejus terræ commisit, sinetamen ullo successu; quia omnia effleta, et ad germinationem fuerunt inepta...* »

« *Deinde Professorem Gmelinum rogavit ut cum agmine Moscovitarum ad Chinam iter facientium ea transvehi studeret; hoc vero modo obtinere non potuerunt...* »

« *Vicos tum a China cum navibus reduntibus frutices comparari posse existimavit; in hoc vero facturam fecit suæ opinionis.* »

« *Unicum Theæ fruticem, a China in Patriam redux D. Pastor Osbeck cis promontorium Capitis Bonæ Spei traduxit, quem turbo nescio quis, subito ortus, de stega navis in mare dejecit.* »

« *Commerciorum Consiliarius Lagerström binas ad hortum upsallensem attulit frutices, per duorum annorum spatium optime vigentes; flores vero tandem erumpentes astuciam prodiderunt Chinensium non Theam sed Camelliam fruticem esse, ostendendo...* »

« *Opera postea fautoris ejusdam, unicus, summa cum diffiducia, frutex Gothoburgum venit; in mensa vero camaræ navis anterioris, a nauticis ad urbem, diu desideratum, ruentibus, vespere impositus, nocte a muribus nauticis miserrime ita fuit laceratum, ut emoreretur.* »

« *Honestissimo tandem et alacerrimo Navarcho Carolo Gustavo Ekeberg persuasor fuit D. Præses, ut semina recentia, mox*

« ante nris e China diceßum, in ampulla terræ committeret, quo
« itinere, postquam æquatorem transiverit navis, ante ad vectum
« Gothoburgi germinaret. Hoc ei ita successit, ut navi Gothoburgum
« appulsa, omnes exortos fuerint plantor, quarum dimidia pars
« Upsaliam mox missa, in itinere perit, alterum ipse huc attulit,
« anno millesimo septingentesimo sexagesimo tertio. »

« Dux hñrum (plantarum) ad huc late crescunt, atque hic
« sistunt conspiciendas. . . . nec in ullo horto botanico crevit (frutex
« There) antequam huc fuit allatus. »

N'esse mesmo anno de 1763 Linneu escrevia ao professor de sciencias naturaes de Coimbra o dr. Domingos Vandelli, dando-lhe parte d'este successo: « *Theamacepi e China*, diz elle, *forte prima que nunquam fuit in ullo Europe horto* (8). »

Para a America creio que foram os Francezes os primeiros, que se lembraram e cuidaram de transplantar o cha. Mas nunca o conseguiram, illudidos pelos Chinezes, que lhes davam como de cha, sementes de camellia.

O padre Labat, que esteve uns doze annos nas Antilhas, para onde foi em 1693, conta que os officiaes de um navio francez, vindo das Indias Orientaes, deram de presente ao sr. Roberto intendente da marinha em Breste, e que então o era nas ilhas, algumas sementes do arbusto do cha chinez. Foram semeadas no jardim da intendencia; nasceram muito bem e deram muitas sementes, que podiam multiplicar, e fornecer cha para toda a Europa, diz elle. Diz ainda que o sr. de La Guarigue Savigni, loco-tenente do rei na Guadalupe tendo tambem recebido sementes, vindas directamente da China, e que se dizia serem do cha imperial, as fez plantar, e obteve lindos arbustos, carregados de folhas, etc. (9)

Nem-uma d'estas plantas porém eram de verdadeiro cha.

Segundo uma passagem d'uma memoria do professor Domingos Vandelli, que adiante citarei, os Ingleses emprehenderam o cultivo do cha na Carolina, mas não persistiram n'elle.

(8) *Cartas* impressas com o Dictionario de termos technicos de sciencias naturaes.

(9) *Nov. vias. ás ilhas da America.*

Antes de me occupar com a introdução do cha no Brazil, transcreverei uma passagem do manuscrito do padre João Daniel, que é a seguinte: « Já hoje está tão introduzido (o cha) e entronisado, que tambem se toma por almoço de manhã, depois de jantar regalo, de tarde merenda, e à noite socega. Descobriu-se n'elle um bom invento para ter bom gasto o assucar, e os seus lavradores bom lucro... quero aqui notisiar aos americanos o grande thesouro que tem no Amazonas, e mais America, e é que tem o cha ás carradas ao pé de suas mesmas casas, nos campos, nas praças, nas ruas mesmo de suas cidades, e povoações na herva que chamam vassourinha... que já hoje muitos a conhecem, e usam depois que um noticioso lhes deu a conhecer pelos annos de 1750; e já muito antes o tinha revelado um china, que foi dar ao Pará etc. (10) »

Esta historia é analogia á que refere tambem o padre Labat de uma planta das Antilhas, que bem pode ser a mesma de que falla aqui o nosso Jesuita, e que segundo aquelle auctor era o verdadeiro cha da India.

João Daniel escrevia pouco depois de 1760; e o que elle nos diz serve para mostrar quanto já era então vulgar no Brazil o uso do cha, assim como o que consta dos fragmentos do almanak manuscrito do Rio de Janeiro, que já teve occasião de citar, e que é o seguinte: « Em 1790 entraram na alfandega d'esta cidade cento e cincoenta e tres caixas de cha: e, no anno de 1792, dazentas arrobas do mesmo genero.

Do que sei, quem primeiro teve a idéa de se transplantar para o Brazil o arbusto do cha foi o illustre professor Domingos Vandelli, já tantas vezes citado, que devia ser melhor conhecido no Brazil, e a cuja memoria nós todos devemos ser gratos.

Em um trabalho apresentado a academia real das sciencias de Lisboa, e que se deu á luz em 1789, dizia elle: « assim seria de uma grande vantagem transplantar-se tambem o cha (para o Brazil) como já fizeram os Ingleses na Carolina. »

Tambem em uma these sustentada em Coimbra em 1776, por Luiz Antonio de Castro do Rio Furtado de Mendonça, e presi-

(10) *Theouro descoberto do Grande Amazonas.*

dida por seu mestre o professor Domingos Vandelli, se acha a seguinte passagem: «... quæ omnis et alia quamplurima felices Lusitani possidemus, et quæ deficiunt, ut Thea, Myristica, Cario-
« phyllus facili negotio possent, in Brasilia coli.»

Mas nunca se deu um passo para isso, até que no anno de 1812 o benemerito chefe de divisão Luiz de Alreu fez vir directamente da China, uma quantidade de sementes, que felicissimamente vingaram e reproduziram. Quero que elle mesmo refira como isso se passou. «Pedi ao meu particular amigo Rafael Botado d'Almeida, senador de Macau, me remettesse a semente do arbusto do cha: elle me mandou o anno proximo passado (1812) um grande numero d'ellas que distribui dando-as ao referido tenente general (Napion) e ao deputado de junta do commercio José Castano Gomes, e a varios particulares: e vi os dias passados (elle escrevia em 4 de Março de 1813) em casa do dr. Jacintho José da Silva Quintão, tres pequenos arbustos provenientes das ditas sementes, que promettem prosperar: ignoro si existem mais alguns em outra parte. (11) »

Em 1815 escrevia o *Correio Brasiliense* em Londres: «As gazetas inglezas tem publicado, que em consequencia dos planos propostos pelo conselheiro d'Estado Antonio de Araujo se introduzira a planta do cha no Brazil, onde prospera, e dá esperanza de ser de tal proveito, que se escuse de pagar annualmente aos chinezes grandes sommas por esta mercaderia.»

Não sei o que ha de exacto n'este annuncio; mas a verdade é que aquella esperanza ainda infelizmente se não realizou: e estou na convicção que jamais se ha de realisar, a não se dar uma attenção séria a este objecto, de tanta importancia para nós, introduzindo o verdadeiro methodo chinez nas manipulações do nosso cha, que está muito longe do d'aquelle paiz.

Agosto de 1856,

Francisco Freire Allemão.

(11) *Patriota* (1813).
